MODERNOS & CONTEMPORÂNEOS

Revista de Filosofia do IFCH da Universidade Estadual de Campinas, v. 9, n. 22., jul./dez., 2025.

A psicanálise e as duas dimensões da "realidade"

Psychoanalysis and the two dimensions of "reality"

Paulo Roberto Ceccarelli[1]

Resumo: O artigo retoma o texto freudiano de 1911, Formulações sobre os dois princípios de funcionamento psíquico, e mostra que eles correspondem a diferentes realidades psíquicas. O processo primário e o secundário têm, cada um deles, leis próprias e modos particulares de funcionamento. O primário é imutável desde suas origens; já o secundário traduz as construções discursivas que utilizamos para nos deslocarmos no simbólico, sendo governado pelo princípio da realidade. A barra do recalque os separa, e os mitos constroem o caminho ligando o processo primário ao secundário. Para o autor, as mudanças discursivas que assistimos na atualidade, e que possibilitarem o surgimento de "novas" subjetividades, dizem respeito apenas as representações dadas pelos processos secundários às moções pulsionais do primário. Ou seja, os suportes oferecidos, pela cultura, aos processos secundários, que em nada afeta o primário. Pergunta-se que tipo de laço social vendo sendo criado nas novas modalidades de subjetivação.

Palavras-chave: Processos primário; processo secundário; construções subjetivas; laços sociais.

Abstract: This article revisits Freud's 1911 text, "Formulations on the Two Principles of Mental Functioning," and shows that they correspond to different psychic realities. The primary and secondary processes each have their own laws and particular modes of functioning. The primary process is immutable from its origins; the secondary process, on the other hand, translates the discursive constructions

1 Psicólogo – Psicanalista, Doutor em Psicopatologia fundamental e Psicanálise – Université Paris 7 – Diderot. Pós-doutor – Université Paris 7 – Diderot. Membro da Société de Psychanalyse Freudienne (SPF) – Paris, França. Sócio do Círculo Psicanalítico de Minas Gerais (CPMG). Sócio fundador do Círculo Psicanalítico do Pará (CPPA). Membro ativo do Espaço Brasileiro de Estudos Psicanalíticos (EBEP-BH). Professor das especializações do Instituto ESPE e coordenador de programas de formação livre. Membro do Corpo Docente do Contemporâneo: Instituto de Psicanálise e Transdisciplinaridade – POA, RS. Coordenador de seminários na PERCURSO: Grupo de Estudos e Formação em Psicanálise, Manaus, AM. Membro da Associação Piera Aulagnier. Pesquisador Associado do LIPIS (PUC-RJ). Membro da Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental. Professor e orientador de pesquisas do Mestrado em Promoção de Saúde e Prevenção da Violência/ MP da Faculdade de Medicina da UFMG. Professor da pós em Sexualidade Humana, da Fac. Santa Casa, BH. Membro do Programa Antártico Brasileiro. Diretor científico da CASM, Clínica Ampliada de Saúde Mental. (CASM: https://casm.bhz.br). Coordenador do Instituto Mineiro de Sexualidade (IMSEX: www.imsex.com.br).

we use to move within the symbolic order, being governed by the reality principle. The barrier of repression separates them, and myths construct the path linking the primary and secondary processes. For the author, the discursive changes we are witnessing today, which enable the emergence of "new" subjectivities, only concern the representations given by secondary processes to the drives of the primary process. That is, the support offered by culture to secondary processes does not affect the primary process. The question is raised: what kind of social bond is being created in the new modalities of subjectivation?

Keywords: Primary process; secondary process; subjective constructs; social bonds.

As duas dimensões da realidade

As mudanças sócio-históricas ao longo da humanidade, inclusive as que afetam as representações de gênero, guardam relações diretas com os sistemas de valores e com a moral cultural no qual são produzidos. Os movimentos sociais e as lutas políticas, cujos resultados produzem mudanças na paisagem social, ocorrem nos processos secundários deixando inalterado o primário, fonte das moções pulsionais. Os processos secundários apenas fornecem representações às pulsões do primário que, por sua vez, permanecem imutáveis, como apresentado em *Totem e tabu* (Freud, 1913). Os processos constitutivos do Eu repetem os mesmos conflitos intra e extra psíquicos – reivindicações narcísicas, interesses pessoais contra os do grupo, desejo, castração, limites, luto... – desde a aurora da humanidade, fazendo com que a história do ser humano seja um eterno recomeçar (Freud, 1915).

Como nos lembra Freud,

> Os fatos da história, as interações entre a natureza humana, o desenvolvimento cultural e os precipitados das experiências primitivas não passam de um reflexo dos conflitos dinâmicos entre o isso, o eu e o acima do eu que a psicanálise estuda no indivíduo: são os mesmíssimos processos repetidos numa fase mais ampla (Freud, 1925, p. 90).

Em *Formulações sobre os dois princípios de funcionamento psíquico*, também publicado sob o título *Formulações sobre os dois princípios do acontecer psíquico*, Freud (1911) descreve longamente sobre os processos primários, regidos pelo princípio do prazer, e os secundários movidos pelo princípio da realidade. Nesse texto, somos igualmente informados de suas particularidades e interações, tema já abordado no Cap. VII da *Interpretação dos sonhos* (Freud, 1900).

Os dois princípios dizem respeito as duas "realidades", no sentido quântico.

Na perspectiva quântica, sabemos, "não existe uma passagem linear, contínua e discreta do mundo quântico ao [mundo] visível, o que faz com que a realidade seja

uma construção" (Cecccarelli, 2009, p. 925), como bem ilustrado no documentário de 2005 *Quem somos nós*.[2]

As relações intrínsecas entre a física e a psicanálise são igualmente trabalhadas por Ferenczi em seu ensaio sobre a teoria da genitalidade:

> O físico, para nos fazer compreender os fenômenos próprios de sua ciência, é obrigado a compará-los a "forças", "atrações", "pulsões", "resistências", "inércia" etc., tudo coisas de que só temos conhecimento pelo lado psíquico. Entretanto, Freud também se viu na obrigação de colocar o funcionamento psíquico na dependência de processos tópicos, dinâmicos, econômicos, por conseguinte, de processos puramente físicos, sem o que não teria estado em condições de explicá-lo inteiramente (Ferenczi, 1924, p. 279).

A psicanálise diz isso, a sua maneira, ao sustentar que nunca se tem acesso direto ao inconsciente, mas somente às suas manifestações. Como isso, é a realidade psíquica, e não a material, que deve ser levada em conta (Ceccarelli, 2019). É por ser uma construção que o processo analítico é possível. Se fosse uma Verdade fixa não existiria possibilidade do deslizamento simbólico e a produção de novos sentidos graças a conexões sintagmáticas.

O acesso direto à matéria bruta dos processos primários, que sustenta nossas construções (processos secundários), é bloqueado pela barra do recalque. As duas realidades (do primário e do secundário) têm leis próprias: as do primário são marcadas pelo deslocamento (passagem do quantum energético de uma representação para outra, e a condensação: uma representação que condensa várias outras), atemporalidade, inexistência de índice de realidade, de negação, etc. São, por essência inconscientes, e funcionam, já o dissemos, segundo o princípio do prazer, além de serem imutáveis desde a origem da humanidade (Freud, 1913). Esta parte invariável da alma humana, "põe a nu o homem primevo que existe em cada um de nós" (Freud, 1915, p. 338), como bem nos mostra em seu texto de 1933 Por quê a guerra?

Já os processos secundários traduzem as construções discursivas que utilizamos para nos deslocarmos no simbólico. São governados pelo princípio da realidade, e regidos por processos lógicos e sem contradições, o que nos permite situarmos no tempo e no espaço.

As representações do secundário, que dão vozes às moções pulsionais do primário, guardam relações diretas como os movimentos identificatórios que nos constituem. Elas são subordinadas a processos sócio-históricos que se alteram ao longo do tempo e variarem segundo as épocas, produzindo doenças nervosas como saída frente aos ditames da moral sexual (Freud, 1908).

As produções do secundário excluem, ou até mesmo matam, pessoas cujos processos identificatórios as levaram à diferentes posições políticas, crenças

2 Documentário disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=7VynfBnRIj4.

religiosas, cor da pele, orientação sexual, gênero, mitos fundadores, e outras tantas formas. Tais exclusões, que podem levar à fantasia de uma "limpeza etnográfica" para que o impuro e o ameaçador sejam segregados e uma sociedade "normal" e sem ambivalências seja construída, são apoiadas pelo narcisismo das pequenas diferenças (Ceccarelli, 2024).

Posto que o ser humano é condenado às identificações por falta de identidade, e sendo o Outro uma instância branca (Fanon, 1952) e, heterossexual, alguns sujeitos não encontrem referências identificatórias na construção da subjetividade, o que os leva a sentirem-se autoexcluídos. Neste sentido, a afirmação, cada vez mais frequente, segundo a qual o racismo e outras formas de exclusão são estruturais deve ser repensada: acreditamos que as exclusões denunciem a carência de modelos identificatórios oferecidos pelos processos secundários, para sustentar as demandas pulsionais do primário. No caso do racismo,

> A ausência do negro ou sua imagem inferiorizada [as referências identificatórias] quando aparece diante das formas de comunicação de massa como as telenovelas brasileiras, séries, propagandas em outdoor, programa de entretenimento, e entre outros produtos produzidos pela mídia brasileira são consequências de uma exclusão social gerada pelo preconceito racial contra as populações negras do país. [...] e influenciam na compreensão que a comunidade negra tem de si mesmo como também, as imagens que outros grupos étnicos, no caso, que os brancos fazem dele (Barreto; Ceccarelli; Lobo, 2017, p 710).

Os termos "primário" e "secundário" dão uma conotação genética e temporal ao desenvolvimento da espécie humana. Ambos funcionam concomitantemente sem se oporem. Os processos primários são tributários a herança arcaica da espécie, a filogênese. Já os processos secundários são constituídos a partir da diferenciação do aparelho psíquico – ontogênese – e guardam relações com a cultura na qual o sujeito se constitui: "a psicologia individual é, ao mesmo tempo, também psicologia social" (Freud, 1921, p. 91).

Talvez seja no artigo metapsicológico *Übersicht der Übertragungsneurosen*, (Visão geral das neuroses de transferência) traduzido como *Neurose de transferência: uma síntese*, que Freud (1915b/1987) apresenta, de forma mais clara, as incidências no desenvolvimento do que seria mais tarde a espécie humana, a partir do mito da Era glacial. Este mito, que marca o início da saga do *tornar-se humano*, relata as mudanças provocadas no meio ambiente, por uma catástrofe glacial sem precedentes que, inexoravelmente, determinou o destino das espécies então existentes, dentre as quais a que culminaria nos seres humanos, além de provocar repercussões diretas e imediatas nas possiblidades e modalidades de satisfação libidinal, o que levou a passagem do instinto (*Naturtrieb*) à pulsão (*Trieb*). O mito seguinte, que marca origem da cultura, dos limites, enfim da Lei, está descrito em Totem e Tabu, Freud (1913).

A teoria psicanalítica é atravessada por mitos, a começar pela própria teoria das pulsões que "é, por assim dizer, nossa mitologia. As pulsões (*Triebe*) são entidades míticas, magníficos em sua imprecisão" (Freud 1933b, p. 119). Temos, igualmente, o mito de Édipo, Narciso e tantos outros compõem o que poderíamos chamar de uma (in) certa cosmogonia psicanalítica, atestado o universal da psicanálise.

Para Ferenczi, os mitos são "a expressão simbólica das pulsões recalcadas da humanidade" (1933, p. 5).

Temos, igualmente, os *Romances familiares* (Freud, 1908/09), *O mito individual do neurótico*, (Lacan, 1953), construídos na análise, através dos quais o sujeito (re) significa sua história e atribui representações psíquicas a seus afetos, o que lhe permite situar-se no tempo e se localizar no espaço: o mito é uma palavra fundadora de identidade. A perda mitológica pode ser vivenciada, em alguns casos, como uma perda identitária, provocando o colapso da função simbólica, e entravando a circulação pulsional.

O interesse em falar dos mitos é para lembrar que graças a eles damos representações as moções pulsionais oriundas dos processos primários. E as mudanças discursivas, trazidas pelas novas leituras simbólicas, que reorganizaram a circulação dos afetos (processos secundários), não afetam a dinâmica do primário.

Os mitos nos permitem passarmos do irrepresentável (do Real) para a linguagem, do gozo para o desejo. Os mitos de origem, patrimônio fantasmático de uma cultura, constroem o caminho, sempre imaginário, através da barra do recalque, ligando o processo primário ao secundário.

As relações entre as duas dimensões do psiquismo – processos primários e secundários – trazem contribuições de peso para a compreensão das construções identitárias e das configurações de gênero, assim como outros aspectos da contemporaneidade que, aparentemente são novos, mas que, de fato, não o são. O "novo" são as representações dada pelos processos secundários às moções pulsionais do primário. Ou seja, os suportes oferecidos, pela cultura, aos processos secundários.

As mudanças discursivas que assistimos na atualidade, sobretudo em relação às questões de gênero, possibilitarem o surgimento de "novas" subjetividades, além de promover lutas políticas. Na clínica, assim como no tecido social, encontramos subjetividades que traduzem modalidades contemporâneas de alienação no desejo do Outro. Por vezes, essas subjetividades causam espanto em alguns pela novidade de sua configuração: transgêneros, transexuais, bissexuais, sujeitos não binários, homem com vagina, mulher com pênis, assim outras novas designações que surgem constantemente, além de novas dinâmicas de satisfação erótica. Temas que afetam diretamente o modelo heteronormativo e cisnormativo. Sabemos, contudo, que todo ser falante, independentemente de sua identidade de gênero (trans ou cis), terá sempre um sentimento de estranheza (*Unheimlich*), pois o real do sexo é inatingível.

Não nos passa despercebido que algumas dessas expressões pulsionais ocorrem particularmente no final da puberdade, quando a polimorfia da sexualidade infantil é revisitada. Porém, as modalidades classificatórias na cultura de outrora não ofereciam possibilidades de nomeação do mundo interno, gerando desconfortos subjetivos tanto nas identidades *cis* quanto nas *trans* (Ceccarelli, 2022).

Na atualidade, um outro fato, que tem fornecido subsídios para congressos, eventos, encontros, além de inúmeras publicações de livros e revistas, vem chamando a atenção dos profissionais da área da saúde, sobretudo os psicanalistas: trata-se da participação do universo digital, na construção da subjetividade.[3]

Muitas crianças que recebemos nos consultórios, "dispõem de menos brinquedos e mais jogos eletrônicos e convivem com adultos sem tempo, com pais capturados pelas telas e que veem seus filhos pelas telas" (Leão Lopes, 2025, p. 107). Ademais, a experiência destas crianças com os *gadgets* eletrônicos, que as acompanha desde o nascimento, transformou o Google em referência da Verdade. As respostas prontas, uniformes e imediatas, sobre os mais diversos aspectos da vida, fornecidas pelos sites de consulta, talvez seja uma maneira de evitar a falta e o desamparo (*Hilflosigkeit*), que o benefício da dúvida oferece.

Embora as consequências dessa "realidade" requeiram discussões e avaliações mais aprofundadas, cabe perguntar, na perspectiva das duas realidades psíquicas, o que vem acontecendo para que os processos primários só encontrem, no secundário, representações que inibem a capacidade de fantasiar e as potencialidades de criação? Que tipo de laço social está sendo criando nessa modalidade de subjetivação?

Tal como os tóxicos, o universo eletrônico pode facilmente transforma-se em uma adicção que anestesia o sujeito frente à impossibilidade de realização ~~do princípio~~ de prazer que, sabemos, não tem nenhuma possibilidade de ser inteiramente executado (Freud, 1930). Quando a realidade é por demais penível, o mundo virtual, da mesma forma que um "amortecedor de preocupações" possibilita ao sujeito "encontrar refúgio num mundo próprio, com melhores condições de sensibilidade" (Freud, 1930, p. 97).

Há alguns anos, publiquei um trabalho: *Sobre a virtualização do sexual*. Nele desenvolvo a ideia segundo a qual a internet, e eu acrescentaria o mundo virtual, é apenas um suporte contemporâneo; um "amortecedor de preocupações" frente as mazelas da existência. Se, em alguns casos, esses expedientes transformam-se em adicções, atingindo o estatuto de sintoma, é por reproduzirem dinâmicas psíquicas preexistentes que traduzem dependências afetivas e sexuais, produzindo um apaziguamento da angústia. Nesse sentido, talvez possamos dizer que as tecnologias modernas são meios de aplacar o mal-estar inerente à condição humana, devido à

3 Em uma publicação recente, o tema foi amplamente discutido sob várias perspectivas. Conf.: Leão L; Pokorski, L; Pokorski, L; A constituição do sujeito e o impacto das tecnologias digitais em crianças e adolescentes, 2025.

impossibilidade de conciliar as demandas pulsionais com as exigências civilizatórias (Ceccarelli, 2017). Fica então a pergunta de como, e em que medida, o mundo virtual, oriundo os processos secundários, oferece artefatos socialmente construídos para dar significação aos processos primários?

Isso não significa, em absoluto, que o universo virtual não produza modos de subjetivações inusitados. Mas, por mais extravagantes e singulares que esses modos possam parecer, eles serão sempre produtos do trabalho da cultura (*Kulturarbeit*). Como nos lembra Freud, "é muito difícil formar uma opinião sobre se, e em que grau, os homens de épocas anteriores se sentiram mais felizes, e sobre o papel que suas condições culturais desempenharam nessa questão" (1930, p. 108).

Há quem defenda que na atualidade é raro encontramos os sintomas citados por Freud, pois a repressão sexual da atualidade está longe daquela de Viena do séc. XIX. Acreditamos, contudo, que os sintomas ligados ao sexual que testemunhamos nos consultórios, assim como a curiosidade infantil em relação à diferença dos sexos, permanecem inalterados, o que nos informa sobre o retorno do recalcado, e atestando a presença da herança filogenética que acompanha nossa espécie: frigidez, ejaculação precoce, disfunções, dores diversas e outras tantas formações de compromisso que denunciam diferentes modalidades do retorno do recalcado: não há tratamento político para o sexual.

Algo semelhante aconteceu no final do sec. XIX quando a psiquiatria de então criou as nomenclaturas, ainda hoje utilizadas, para nomear os "desvios sexuais": aqueles que não correspondiam aos padrões de normalidade da época. Para Foucault (1985), os sexólogos do século XIX criaram as perversões, pois embora as práticas ditas desviantes da sexualidade sempre tivessem existido, elas não eram classificadas. Como agora, o novo foi as mudanças discursivas e os discursos classificatórios, daí advindos.

Os caminhos das dinâmicas inconscientes (re)construídos na análise, dizem respeito ao que chamo de berço psíquico: o lugar que a criança ocupa, a partir da interpretação que ela faz do desejo do Outro (Ceccarelli, 2025). Ou seja, de quem lhe deu vida psíquica e o acolheu, ou não, no mundo.

A independência da realidade anatômica e o caráter incerto da masculinidade e da feminilidade, torna difícil definir masculino e feminino. Tais noções, que não têm lastro em uma suposta "natureza humana", são produtos de convenções culturais, e vão além de predisposições e determinações instintuais e geneticamente herdadas (Freud, 1930). Para Winnicott (1971), a questão do masculino (puro) e do feminino (puro) não guarda relações com a anatomia.

As questões de gênero já estavam presentes nas teorias freudianas, como indica certas passagens de seus textos. Por exemplo, em *Sobre as teorias sexuais das crianças*, Freud (1908b) nos fala de uma forma de classificação, anterior à percepção

da diferença anatômica (Ceccarelli, 2017). O texto nos convida a nos despojarmos de nossa "existência corpórea" e, como "seres puramente pensantes", chegássemos à Terra. Nos chamaria a atenção a existência de dois seres cujas diferenças se dão por sinais externos, isso é, sem levar em conta a diferença sexual. Parece que, em Freud, haveria uma classificação (segundo o gênero), antes da percepção da anatomia: o gênero viria primeiro, embora seja o sexo que o determine a partir da percepção anatômica. Ainda que a anatomia faça parte do destino humano, "esta não pode, em hipótese alguma, permanecer, para cada ser humano, um horizonte insuperável (Roudinesco, 2021, p. 31).

Lacan (1985), em uma passagem no Seminário XI, faz uma observação que sugere questões de gênero. Como já o dissemos, embora as identificações constitutivas do Eu, e as futuras escolhas de objeto, sejam construídas a partir das relações do recém-nascido com o Outro, "no psiquismo não há nada pelo que o sujeito possa situar-se como ser de macho ou ser de fêmea [...] aquilo que se deve fazer, como homem ou mulher, o ser humano terá sempre que aprender, peça por peça, do Outro" (Lacan, 1985, p. 228-229). Não podendo nos situarmos como ser de macho ou ser de fêmea, é no Outro, no discurso cultural, que inclui o desejo dos pais, que aprenderemos o que fazer como homem ou mulher; é a partir da interpretação que o candidato a sujeito faz do desejo do Outro, que a identidade cis ou trans é construída.

As teorias de gênero revelam-se um auxiliar de peso para pensarmos os caminhos pulsionais, e reavaliarmos as relações entre corpo, sexo, construções identitárias, novas conjugabilidades, e discurso do poder. Nessa perspectiva, alguns autores sugerem que as fórmulas de sexuação propostas por Lacan representariam uma teoria sobre a diferença, mas não um universal de subjetivação (Tort, 2000).

Os estudos de gênero, as teorias queer e as teorias críticas têm produzido uma desconstrução do sistema hegemônico sexo/gênero, denunciando a ideologia que o sustenta, ao mostrar que não existem "[...] relações de coerência e continuidade entre sexo, gênero, prática sexual e desejo" (Butler, 2003, p. 38).

As questões de gênero, e as construções identitárias, devem ser incluídas no debate psicanalítico, para não cometermos o mesmo equívoco, de consequências não menos graves, que os denunciados por Freud nos *Três ensaios*. Parafraseando Freud (1905), acreditar que as expressões de gênero, e as construções identitárias, guardem uma correspondência natural com a anatomia é uma "fábula poética" (Ceccarelli, 2022).

Referências bibliográficas

BARRETO, R.; CECCARELLI, P.; LOBO, W. (2017). "O negro e a mídia: novas possibilidades de referências identificatórias nas redes sociais". In. *Conversas transversalizantes entre psicologia política, social-comunitária e institucional com os campos da educação, saúde e direitos*, v. 7. Editora: CRV, Curitiba, p. 709-718.

BUTLER, J. (2003). *Problemas de gênero*: feminismo e subversão de identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

CECCARELLI, P. R. (2009). "Don Quixote e a transgressão do saber". In: *Revista Mal-estar na Subjetividade*, v. 9, n. 3, p. 917-937, Fortaleza.

_____. (2017). "Psicanálise, sexo e gênero". In: *Estudos de Psicanálise*, Belo Horizonte, n. 48, p. 135-146.

_____. (2017b). "Sobre a virtualização do sexual". In: *Conexões virtuais*: diálogos com a psicanálise. LOPES, A.; BARBIERI, C.; RAMOS, M. B.; BARRETO, R. (orgs.). São Paulo: Escuta, p. 153-172.

_____. (2019). "O sexual e a verdade do sujeito". In: ANDRADE, E.; FREITAS, V.; CECCARELL, P. (orgs.). *A psicanálise na vida contemporânea*. Bom Despacho: Literatura em cena, p. 193-204.

_____. (2022). "Psicanálise, cultura, gênero e clínica". In: KAMERS, M.; COUTINHO JORGE, M. A.; MARINI MARIOTO, R. (orgs.) *Psicanálise, Cultura & Clínica*. Salvador: Ágalma, p. 199-213.

_____. (2024). "O narcisismo das pequenas diferenças e seus desdobramentos". In: *Reverso*, BH, ano 446, n. 87, p. 31-28.

_____. (2025). *Transexualidades*. 4. ed. São Paulo: Artesã.

FANON, F. (1952). *Peau noire, masques blancs*. Paris: Seuil.

FERENCZI, S. (2011 [1924]). *Thalassa*: ensaio sobre a teoria da genitalidade. São Paulo: Martins Fontes.

_____. (2003 [1933]). *Importância da psicanálise na justiça e na sociedade* (Obras Completas de Sándor Ferenczi). v. 2. São Paulo: Martins Fontes.

FOUCAULT, M. (1985). *História da sexualidade I*: a vontade de saber. 6. ed. Rio de Janeiro: Graal.

_____. (1972 [1900-1901]). "A interpretação de sonhos". In: FREUD, S. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago, v. 5.

_____. (1976a [1905]). "Três ensaios sobre a teoria da sexualidade". In: FREUD, S. *Obras completas.* Rio de Janeiro: Imago, v. 7.

_____. (2020 [1908]). "Moral sexual civilizada e doença nervosa". In. *Obras incompletas*. Belo Horizonte: Autêntica, v.: *Cultura, sociedade, religião*: o mal-estar na cultura e outros escritos.

_____. (1974 [1908b]). "Sobre as teorias sexuais das crianças". In FREUD, S. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago, v. 9.

_____. (1908/09). "Romances familiares". In: FREUD, S. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago, v. 9.

_____. (1976 [1911[). "Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental". In: FREUD, S. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1976, v. 12.

_____. (1913). "Totem e tabu". In: FREUD, S. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago, v. 13.

_____. (2020 [1915]). "Considerações contemporâneas sobre a guerra e a morte". In: Obras incompletas. Belo Horizonte: Autêntica. *Cultura, sociedade, religião*: o mal-estar na cultura e outros escritos, p. 99-135.

_____. (1987 [1915b[). *Neuroses de transferência: uma síntese*. Rio de Janeiro: Imago.

_____. (1976c [1921]). "Psicologia de grupo e análise do ego". In: FREUD, S. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago, v. 18.

_____. (1976 [1925]). "Um estudo autobiográfico". In: FREUD, S. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago, v. 20.

_____. (1974 [1930]). "O mal-estar na civilização". In: FREUD, S. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago, v. 21.

_____. (1976 [1933]). "Por quê a guerra?". In: FREUD, S. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago v. 22.

_____. (1976 [1933b]). "Ansiedade e vida pulsional: Conferência XXXII". In: FREUD, S. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago, v. 22.

LACAN, J. (2008 [1953]). *O mito individual do neurótico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

_____. (1985 [1964]) *O seminário, livro XI*: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar.

LEÃO LOPES A-L.; POKORSKI, L.-A.; POKORSKI, M-M. (Org.). (2025). *A constituição do sujeito e o impacto das tecnologias digitais em crianças e adolescentes.* Veranópolis. RS: Diálogo Freiriano.

LEÃO LOPES, A.-L. (2025). "Contribuições de Françoise Dolto para reflexão sobre o uso de tecnologias digitais por crianças e adolescentes". In: LEÃO LOPES, A.-L.; POKORSKI, L.-A.; POKORSKI, M.-M. (orgs.). *A constituição do sujeito e o impacto das tecnologias digitais em crianças e adolescentes.* Veranópolis. RS: Diálogo Freiriano.

ROUDINESCO, E. (2021). *Soi-même comme un roi*. Paris: Seuil.

TORT, M. (2000). "Quelques conséquences de la différence "psychanalytique" des sexes". In: *Les Temps Modernes*, 609, p. 176-215.

WINNICOTT, D. W. (1971). *Playing and reality*. Tavistock: Routledge.

Revista digital: www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/modernoscontemporaneos

This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License.